

■ Um livro sobre o tratamento da dor nos doentes terminais foi ontem lançado em Lisboa. O objectivo é sensibilizar os profissionais de saúde para o alívio de um sofrimento “inútil” e que pode ser eliminado

Dores inúteis



Em cerca de 90% dos casos esta situação pode ser combatida de forma simples, diz o médico Lourenço Marques

Paula Santos Ferreira

Mais de três quartos dos doentes terminais afectados por doenças malignas, nomeadamente do foro oncológico sofrem de dores intensas. E, ainda hoje, em Portugal, mais de metade destes doentes não recebe um tratamento adequado para combater esta dor «inútil», que pode aliviar o sofrimento destas pessoas. «Uma dor, que afinal, é tratável de forma simples, em cerca de 90 % dos casos», declarou a A Capital o director da unidade de Tratamento da Dor e chefe do serviço de anestesiologia do Hospital Distrital do Fundão, António Lourenço Marques, um dos responsáveis pela con-

cepção de um livro inédito que ontem foi lançado em Lisboa. Intitulado «Dor Oncológica e Unidades de Dor» o livro, que reúne comunicações do primeiro encontro sobre o estudo e tratamento da dor realizado em 99 na Universidade da Beira Interior, pretende sensibilizar os profissionais de saúde para o correcto tratamento da dor nos doentes em estado terminal. Muitas vezes, estes pacientes queixam-se de dores intensas que podem ser perfeitamente aliviadas através de uma terapêutica correcta, que em muitos casos passa pela administração simples de medicamentos por via oral, defende Lourenço Marques. O problema, vinca este responsável pela direcção do livro, é que em Portugal a dor oncológica não é tida como uma doença pelo que não é adequadamente combatida e o seu tratamento ainda é desconhecido entre muitos profissionais de saúde. «Ao

eliminar esta dor nas pessoas que padecem de uma doença em fase avançada poder-se-ia contribuir para aumentar um pouco a sua qualidade de vida. E estes pacientes têm direito ao alívio da dor», frisou Lourenço Marques recordando que, estas são situações em que não sofre apenas o doente, mas os seus familiares e as pessoas que lhe são próximas. «A dor oncológica é uma dor multidimensional, que afecta não só a parte biológica, como espiritual, psicológica e social», acrescenta. Segundo as estatísticas internacionais, mesmo nos países mais desenvolvidos apenas 50% dos doentes oncológicos beneficia do tratamento eficaz para a dor e nos países pobres esta percentagem não chega aos 10%. «Em Portugal não existem estatísticas sobre o tema mas calcula-se que grande parte destes doentes oncológicos não tenha a dor eliminada»,

vincou este especialista realçando a necessidade de dar um cunho humanista a este problema. Uma situação que poderia ser melhorada através da sensibilização dos profissionais de saúde, um processo que deve ser iniciado logo nas escolas médicas onde o tema da dor não é ainda abordado», criticou Lourenço Marques. A verdade, acrescentou, é que dos 100 mil óbitos anuais em Portugal, 20 mil são óbitos por cancro maligno. E mais de metade dos doentes oncológicos em estado terminal possuem dores que podem ser apaziguadas.

MITO - Outro dos entraves à terapêutica da dor oncológica é a utilização da morfina sobre a qual ainda permanece um «falso mito que tem de ser combatido». Lourenço Marques explicou que muitos profissionais receiam que a morfina provoque um problema de adicção, de dependência psicológica, o que «nestes doentes é totalmente errado». E justifica: «Quando correctamente administrados os medicamentos à base de morfina não provocam problemas de saúde graves nestes doentes». A dor oncológica é uma dor intensa que pode ser combatida com a utilização criteriosa de analgésicos, desde anti-inflamatórios não esteroide a opiáceos fortes (como a morfina). O livro possui textos de 25 especialistas de todo o país e relata estudos sobre o tratamento da dor. A sua edição de 9 mil exemplares será distribuído gratuitamente pelos profissionais de saúde do País.

Investigação arranca no Porto

A dor vai ser igualmente objecto de investigação na Faculdade de Medicina do Porto e no Hospital de S. João (Porto) no quadro de um protocolo envolvendo a Fundação Gulbenkian e a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e que será amanhã assinado no Porto. O objectivo do projecto é melhorar as condições básicas da fisiopatologia da dor, melhorar o ensino dos mecanismos e

tratamento da dor e implantar as condições de funcionamento da consulta pluridisciplinar da dor. Com uma duração de três anos e dotado de uma verba de 41 mil contos atribuída pela Fundação Calouste Gulbenkian, este projecto pretende, para além de ter consequências directas nos cuidados de saúde, estimular outras instituições interessadas nesta problemática. A Faculdade de

Medicina do Porto vai implementar dentro do curriculum pré-graduado o ensino da algologia (ciência que estuda a dor em todas as suas dimensões) e em conjunto com o Hospital de S. João, deverá disponibilizar os meios humanos, técnicos e logísticos necessários à execução do projecto, cabendo à FCT apoiar a investigação.